

PORTUGUÊS DE ARREMEDO: UM LADO DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO BRASIL

ANTONIO JOSÉ BACELAR DA SILVA¹

RESUMO: O presente artigo analisa o uso cotidiano e amplamente difundido do “português de arremedo” entre brasileiros. Adota-se o termo português de arremedo em referência à prática linguística na qual uma pessoa replica palavras e expressões de variedades não padrão, à margem do português padrão, com o intento de fazer graça. Para tanto, utiliza-se uma análise qualitativa a partir de dados que são profusamente compartilhados online através de aplicativos de mensagens, blogs, redes sociais, além da mídia tradicional. Com base em conceitos e pesquisas da sociolinguística e antropologia linguística, busca-se mostrar que (1) o português de arremedo produz uma falsa sensação de inocuidade; (2) a pessoa que produz o português de arremedo — ou seja a pessoa que arremeda o português dos falantes das variedades não padrão, i.e. marginalizadas — ocupa um lugar de fala que é resultado de desigualdade linguística e social; e (3) a pessoa que produz o português de arremedo é, em parte, responsável pela reprodução dessa desigualdade.

Palavras-chave: ideologia linguística; apropriação linguística; indexicalidade.

ABSTRACT: The present article analyzes the everyday and widely spread use of “português de arremedo” among Brazilians. The term “português de arremedo” is adopted in reference to the linguistic practice in which a person replicates words and expressions of non-standard varieties, on the margins of standard Portuguese, with the intention of showing a playful behavior and sense of humor. The article conducts a qualitative analysis of data that is profusely shared online through messaging applications, blogs, social media, as well as traditional media. Based on concepts and studies from sociolinguistics and linguistic anthropology, it demonstrates that (1) “português de arremedo” produces a false sense of innocuousness; (2) the person who produces “português de arremedo – that is, the person who imitates the non-standard, marginalized varieties of Portuguese – occupies a position that is the result of linguistic and social inequality; and (3) the person who produces “português de arremedo” is, in part, responsible for the reproduction of such inequality.

Keywords: linguistic ideology; linguistic appropriation; indexicality.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo desenvolve uma análise do uso cotidiano e amplamente difundido do “português de arremedo” entre brasileiros.² O termo português de

¹ University of Arizona, Estados Unidos da América do Norte. ajbsilva@email.arizona.edu, <https://orcid.org/0000-0002-1053-268X>

² A pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética da Universidade do Arizona (Processo: 1810991180; Título do Projeto: Português de Arremedo). Agradeço aqui, muitíssimo, àqueles que me ajudaram a concluir este artigo: Ana M. Carvalho e Alba Riva Brito de Almeida leram versões iniciais do texto; Josane Silva Souza e Luiz Léo ajudaram no estágio final de edição; amigos e colegas que contribuíram com novos exemplos; e os avaliadores anônimos da revista Cadernos de Estudos Linguísticos cujas observações foram essenciais. Os erros ainda existentes são de minha inteira responsabilidade.

arremedo faz referência à prática linguística na qual uma pessoa replica palavras e expressões de variedades não padrão – consideradas erradas, segundo a norma culta – com o intento de fazer graça. Com base nas reflexões sobre o “Mock Spanish” desenvolvidas por Jane Hill (1995, 2008), a proposta é mostrar que (1) o português de arremedo produz uma falsa sensação de inocuidade; (2) a pessoa que produz o português de arremedo — ou seja a pessoa que arremeda o português dos falantes das variedades não padrão, i.e. marginalizadas — ocupa um lugar de fala que é resultado de desigualdade linguística e social; e (3) a pessoa que produz o português de arremedo é, em parte, responsável pela reprodução dessa desigualdade. Para tanto, utiliza-se uma metodologia qualitativa, baseada em conceitos e pesquisas da sociolinguística e antropologia linguística, para a análise de dados que são profusamente compartilhados online através de aplicativos de mensagens, blogs, redes sociais, além da mídia tradicional. Para ter uma ideia do fenômeno, considere a seguinte piada encontrada no “Yahoo Respostas”, um sítio bem conhecido na Internet:

A candidata à secretária foi chamada para entrevista com seu provável futuro patrão, e ao chegar o patrão disse: –Ummm muito bem, a senhorita fala francês, inglês, espanhol, alemão e italiano ... ótimo! Excelente E, o português? A senhorita sabe bem, presumo? A mocinha respondeu: – Aí varêia ... hahahahah [risada do contador da piada]³

O uso de “varêia” nessa piada é um exemplo característico do português de arremedo. Na variedade de prestígio, a forma do verbo seria “varia” do infinitivo “variar”. O uso de “varêia” neste exemplo não é aleatório; ele faz parte do repertório linguístico das pessoas que produzem o português de arremedo. Para entender melhor o português de arremedo nesse exemplo, precisamos dissecar quatro vezes nele presentes. Ouve-se a voz (1) da personagem entrevistada (em uma entrevista de verdade, seria pouco provável que ela usasse tal forma do verbo); (2) do criador da piada (que conhece e usa a palavra “varêia” do português não padrão) que neste caso é o produtor do português de arremedo (que dá vida ao português de arremedo); (3) do contador da piada (que reproduz o português de arremedo) e (4) do falante legítimo que normalmente usa “varêia” por não dominar as regras do português padrão que estabelece “varia” como a forma apropriada. O estudo sobre a natureza do português de arremedo ajuda a compreender que tal prática deriva da ideologia opressiva da variedade padrão. A serviço dessa ideologia, o português de arremedo é mais uma ferramenta para marginalizar as variedades populares.

2. VARIEDADES LINGUÍSTICAS E INDEXICALIDADE SOCIAL

São várias as pesquisas nas áreas da sociolinguística e antropologia linguística voltadas para a discussão crítica da relação de indexicalidade entre variedades linguísticas e estratificação de classe, gênero e étnico-racial. Indexicalidade é a propriedade da língua ou do discurso através da qual contextos culturais, tais

³ <https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20070426094325AAZzXwZ> Acesso: 7 jan. 2019.

como identidades sociais, são constituídas (OCHS, 1992). As características linguísticas podem indexar mais de uma dimensão do contexto sociocultural – por exemplo, gênero, raça e classe social – e todo ato comunicativo faz parte de uma cadeia histórica que envolve várias dimensões semióticas ou indexicais (SILVERSTEIN, 2003). Em um dado momento, uma ou mais dessas dimensões pode tornar-se ideologicamente saliente. A associação que se faz entre língua e valores sociais, como sofisticação ou falta de sofisticação, é resultado do processo de indexicalidade através do qual, por exemplo, o uso de gírias pode ter um efeito positivo ou negativo para a imagem da pessoa que as usa. Dois aspectos da relação entre língua e valores sociais são particularmente relevantes para entendermos o papel importante de práticas como o português de arremedo na construção da desigualdade: ideologia linguística e preconceito linguístico. Ambos são cruciais para decifrar o papel do português de arremedo na construção de relações de poder e hierarquias sociais no sentido mais amplo, bem como na construção da desigualdade linguística e social ao nível das interações pessoais do dia a dia. Segundo Irvine e Gal (2000, p. 35), ideologias linguísticas são “associações que participantes e observadores fazem entre variedades linguísticas e pessoas, eventos e atividades”.⁴

Um exemplo ilustrativo é o contraste entre os falares dos personagens dos quadrinhos mais famosos no país, a “Turma da Mônica” de Maurício de Souza. Como visto em estudos sociolinguísticos, os personagens da Mônica recebem marcas de oralidade em suas falas, que são associadas ao que cada personagem representa socialmente (ANDRADE; MELO; SCHERRE, 2007; SCHERRE, 2007). Consideremos, por exemplo, o contraste entre Titi e Chico Bento. A combinação do modo de falar com a aparência física em cada uma das personagens ilustra as relações indexicais por trás das ideologias linguísticas no Brasil. Titi⁵ é conhecido como moderno, vai a escola e é bom aluno; enquanto Chico Bento é um garoto caipira que não tira notas boas na escola e adora faltar aulas⁶. Interessa notar, portanto, as várias associações que se fazem entre variedades e pessoas: um falar com ar incivilizado por pessoas rústicas e agrestes (o dito “falar” caipira do interior ou zona rural) versus um falar com ar civilizado por pessoas civilizadas (dos centros urbanos) (Cf. SOUZA; SANTOS, 2018). O preconceito linguístico, diretamente relacionado à ideologia linguística, discrimina as pessoas com base no seu modo de falar. Na expressão “bom português”, a discriminação acontece porque o conhecimento da gramática normativa e o uso da variedade padrão são valorizados (BORTONI, [2018]), ao mesmo tempo em que as variedades linguísticas não padrão, faladas pelos grupos marginalizados, são estigmatizadas e as pessoas que as usam são associadas à pobreza e incapacidade. Como Massini-Cagliari (2004) nota, estas representações são influenciadas por ideologias linguísticas conservadoras divulgadas pelos meios de comunicação no Brasil,

⁴ “[T]he ideas with which participants and observers frame their understanding of linguistic varieties and map those understandings onto people, events, and activities that are significant to them” (Tradução do autor).

⁵ Cf. <http://pt-br.monica.wikia.com/wiki/Titi>

⁶ Cf. http://pt-br.monica.wikia.com/wiki/Chico_Bento

onde o preconceito discrimina as pessoas que falam variantes linguísticas de pouco prestígio.

A inclusão dessas variantes no livro didático “Por uma Vida Melhor”, de Heloísa Ramos, em 2011, provocou controvérsia entre professores, pesquisadores e o público em todo o país. No centro do debate estava o julgamento depreciativo e jocoso da fala e dos falantes das variedades menos prestigiadas. Motivados pelo debate acirrado na época, professores da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) publicaram, em 2013, um volume especial da Revista LETRA – Revista de Língua e Literatura intitulado “Linguagem e Preconceito” com a proposta de reunir pesquisadores da área para discutirem o tema. Em um artigo do volume, Marta Scherre salienta que, na relação entre as variedades, “imperava a lei do mais forte que rejeita sistematicamente as variedades menos prestigiadas, e todos os aspectos culturais a elas atrelados.” (SCHERRE, 2013, p. 54).

Daí o interesse em examinar práticas linguísticas como o português de arremedo. O foco neste artigo não são as expressões explícitas de ideologia linguística e de preconceito linguístico, mas sim as situações mais implícitas, como no uso de “varêia” na piada acima. Práticas linguísticas como essa não são simplesmente estruturas de uma variedade marginalizada, sendo usadas de forma humorada e inocente por falantes da variedade de prestígio. Exemplos como esse, denominados de português de arremedo, carregam em si maneiras de reproduzir preconceito linguístico que sustentam e reproduzem desigualdade linguística e social.

3. POR TRÁS DO ARREMEDO DAS VARIEDADES NÃO PADRÃO

A abordagem do português de arremedo aqui desenvolvida é inspirada no trabalho de Jane Hill (1995, 2008). Hill analisa o uso de Espanhol em fala coloquial por parte de americanos brancos monolíngues em inglês. Hill denomina essa prática linguística de “Mock Spanish.” Dois conceitos utilizados por Hill são fundamentais para a análise do português de arremedo neste artigo: apropriação linguística e indexicalidade. No caso do Mock Spanish, apropriação linguística acontece quando um grupo dominante (americanos brancos monolíngues em inglês) aproveita-se de palavras ou expressões de um grupo marginalizado (hispanofalantes nos EUA) para benefício próprio (HILL, 2008, p. 158). Na análise do português de arremedo, a apropriação linguística consiste na estratégia através da qual os grupos dominantes aproveitam-se, em um processo de extração e reformulação, de aspectos estigmatizados das variedades marginalizadas. No processo de reformulação, o material extraído passa a adquirir valores “positivos”. A pesquisa de Hill mostra que esse processo gera resultados opostos para os grupos hierarquicamente distintos. Para o grupo dominante, a utilização desse “novo” material cultural eleva o status de quem o produz. No sentido oposto, o material extraído e reformulado ainda exhibe resíduos de qualidades indesejáveis

associados aos grupos marginalizados e seu uso pelos grupos dominantes acaba por reproduzir e legitimar a exclusão dos primeiros.

Como Hill (1995, 2008) mostra, a noção de indexicalidade é muito importante para a compreensão dos efeitos positivos e negativos que são resultados do processo de incorporação ao Mock Spanish. Para entender a relação entre práticas linguísticas e estruturas sociais (gênero, raça, classe etc.) é necessário expandir a análise semântico-referencial do uso da língua e considerar as conexões indexicais entre os elementos linguísticos e as estruturas sociais (SILVERSTEIN, 2003). No primeiro exemplo, as formas “varêia” e “varia” têm o mesmo sentido semântico-referencial. Para além do sentido semântico-referencial, “varêia” e “varia” indexam sentidos bem diferentes. Enquanto o uso de “varia” pode sinalizar que a pessoa tem boa escolaridade, é inteligente etc., o uso de “varêia” pode identificá-la como alguém pobre, sem escolaridade e até limitada em termos cognitivos. A piada trabalha com esses elementos, e é possível afirmar o uso de “varêia” pela pessoa que conta a piada tem o poder de identificá-la como bem-humorada, descolada ou criativa. Esses vários sentidos, para além do semântico-referencial, são conhecidos na sociolinguística e na antropologia linguística como sentidos indexicais: “Varêia” e “varia” são índices que apontam para algum valor social com o qual está ligado por meio de associações culturais, como se verifica, por exemplo, no ditado popular que diz “onde há fumaça há fogo”, ou seja, fumaça é um ‘objeto’ familiar que pode indicar a existência de fogo. A análise de outros exemplos a seguir mostra que o uso de um elemento linguístico de uma variedade marginalizada do português em forma de arremedo – como no caso de “varêia” pelo cartunista no exemplo acima – faz com que o percebamos como divertido, espirituoso etc. Além disso, por trás do efeito humorístico do português de arremedo, está o resíduo preconceituoso ligado ao material linguístico original, como no caso de “varêia” pelo cartunista. O arremedo desse material é responsável pela legitimação e reprodução da exclusão dos falantes da variedade marginalizada.

Baseado na discussão desses dois conceitos importantes no trabalho de Hill (1995, 2008), o ponto central é o seguinte: Para a construção do sentido de uma prática linguística é crucial mobilizar-se não somente a dimensão semântico-referencial; há uma dimensão semiótica, particularmente a indexical, em que os sujeitos se comunicam levando em conta conteúdo ideológico que irrompe pelas frestas da fala, reproduzindo a hegemonia linguística do português padrão. A análise assim nos permite, portanto, perceber a língua como um espaço no qual a moral social vigente é ao mesmo tempo exposta e posta em prática.

4. A SITUAÇÃO LINGUÍSTICA NO BRASIL

Historicamente, o Brasil sempre foi considerado um país pluralista por seus observadores internos e externos, que abriga povos de origens culturais distintas entre si, acomodando individualidade, diversidade e diferenças fundamentais. Por outro lado, a discussão acadêmica sobre a situação linguística do país mostra que, apesar da situação multicultural do país, prevalece no Brasil o mito de

que a sociedade brasileira é linguisticamente homogênea, ou seja, que todos os brasileiros falam a mesma língua; e assim, o Brasil mantém seu compromisso com a política do monolingüismo à custa do reconhecimento das outras línguas faladas no país como as línguas indígenas, africanas, de imigrantes mais recentes, além das variedades não padrão do português (MASSINI-CAGLIARI, 2004; CAVALCANTI, 1999). Ao longo da sua história, o Brasil implementou políticas linguísticas que visavam promover o status do português como única língua nacional (CAVALCANTI, 1999; OLIVEIRA, 2002). Além disso, sempre houve tentativas paralelas, por parte das instituições educacionais e da mídia dominante, de engendrar o monolingüismo entre os brasileiros. Oliveira, G. (2002, p. 83) argumenta que, por trás do mito do monolingüismo no Brasil, pode-se encontrar o desconhecimento da verdade ou mesmo preconceito linguístico, que estão ligados às políticas linguísticas conservadoras e marginalizantes no Brasil.

A língua portuguesa no Brasil evoluiu de diferentes formas devido às diferenças históricas e culturais. Existem diferenças regionais e sociais bastante significativas no próprio português brasileiro. Um fator determinante dessa diferença tem sido o contato entre o português e as línguas minoritárias no Brasil, inclusive as línguas indígenas e africanas. Esse contexto tem implicações sobre como representamos a diversidade de idiomas no país. Numa análise da situação linguística no Brasil, Massini-Cagliari (2004, p. 8), enfoca, dentre outras coisas, a evolução do cenário linguístico brasileiro e o preconceito linguístico. A partir dos tempos coloniais, ela aponta que, citando Bagno (2002, p. 54), toda iniciativa de política linguística baseava-se na repressão e que a imposição do português como língua obrigatória era feita numa época em que essa linguagem era praticamente o domínio exclusivo dos brancos, uma parte dominante muito pequena da população. Isso, como assinala Massini-Cagliari, pode ser visto como o primeiro passo no sentido da estigmatização do uso popular da fala hoje e da imposição do português padrão como instrumento de exclusão social. Após a independência e durante a República, os processos de unificação linguística em favor do português foram continuamente reforçados, já que o português sempre foi considerado a única língua oficial do Brasil. Todavia, como afirma Massini-Cagliari (2004, pp. 11-12), no século XVIII, o português já era a língua dominante nos centros urbanos mais industrializados, onde vários textos literários importantes foram produzidos. A partir daí, como aponta Bortoni-Ricardo (2011), a ruptura cidade-campo agravou substancialmente a desigualdade linguística a favor das variedades urbanas.

Sobre um período posterior da história, Oliveira, G. (2002, pp. 87-88) escreve que todas as línguas imigrantes, ao longo dos anos, foram vítimas da política de unificação linguística, sofrendo violenta repressão linguística e cultural durante os anos da ditadura de Getúlio Vargas (1937-1945) devido à instalação do conceito jurídico de crime idiomático que estabelecia prisão e tortura para os que usavam suas línguas maternas em público ou privado. Um exemplo de política de idiomas no Brasil é um projeto de lei⁷, de 1999 e aprovado em 2007, contra as palavras

⁷ Lei Número 1676 de 1999, de iniciativa do Deputado Aldo Rebelo (Partido Comunista do Brasil – São Paulo) aprovado em 12/12/2007.

estrangeiras, seguindo os canais legais no Congresso e Senado, que visa a proteger a língua da nação contra a influência estrangeira. Esse projeto reforça a definição do português como a linguagem do poder com seu padrão escrito socialmente controlável, cujos limites são definidos pela elite (MASSINI-CAGLIARI, 2004, pp. 14-15). Se nos voltarmos para as chamadas ameaças internas à língua nacional, as diferenças linguísticas que marcam a divisão interna da sociedade são eclipsadas pela ideologia dominante da língua. De acordo com a noção de apagamento em Irvine e Gal (2000), diferenças entre brasileiros que falam diferentemente e que marcam sua identidade precisamente na forma como falam, são simplesmente apagadas ou marginalizadas.

É comum a discriminação contra as pessoas e grupos que falam variedades que divergem do padrão dominante, e como veremos abaixo, essa discriminação é muitas vezes marcada tanto por atitudes agressivas e ofensivas – como no caso da polêmica em torno do livro didático de Heloísa Ramos, mencionado acima – quanto por expressões não tão explícitas de preconceito linguístico, foco desse artigo. O preconceito linguístico, explícito ou implícito, contra as variedades do português brasileiro falado nos setores mais pobres da população tem consequências sérias e danosas. Revisitado e reexaminado por Marta Scherre (2013) no contexto da polêmica sobre o livro “Por uma vida melhor” de Heloísa Ramos (RAMOS, 2011), o preconceito linguístico é entendido como uma perspectiva cruel que correlaciona variedades não padronizadas com pobreza e com déficits cognitivos e mentais, os julgamentos sobre a língua se estendem àqueles que a falam, e os falantes dessas variedades são automaticamente vistos como pessoas incapazes (SCHERRE, 2013, p. 57). Como mostra a análise a seguir, o preconceito linguístico encontra sua expressão típica nas interações do dia a dia, as quais monopolizam o comportamento linguístico através do acesso privilegiado ao capital cultural, como entendido em Bourdieu (1991). Através da imitação jocosa das variedades marginalizadas do português brasileiro, o português de arremedo implica em relações de poder e, quando usado, ele tanto expõe, ou coloca à mostra, quanto esconde e preserva os mecanismos dessa relação.

5. IMPORTANTES ASPECTOS DO PORTUGUÊS DE ARREMEDO

A análise do português de arremedo nesta parte do artigo visa examinar as estratégias linguísticas usadas pelos seus falantes para incorporar palavras ou expressões das variedades vistas como desvios da norma culta e estigmatizadas. É importante notar que o alvo do comportamento preconceituoso linguístico tem origem na discriminação social e que, como observa Scherre (2013, p. 55), “[f]ormas de falar que revelam diferenças sociais são sempre mais sujeitas à avaliação negativa.” De fato, o repertório linguístico incorporado e reformulado através da prática do português de arremedo contém uma quantidade relativamente limitada de expressões e palavras. A seleção de exemplos, coletados entre janeiro de 2014 e setembro de 2018, não ocorreu de maneira aleatória, dado o objetivo de selecionar uma amostra de elementos que logicamente representasse o fenômeno. Além

disso, os exemplos fornecem uma gama diversificada de casos relevantes, que reflete na prática a diversidade linguística encontrada.

5.1 Sobre a produção do português de arremedo

Em primeiro lugar, é importante notar que as pessoas que produzem o português de arremedo são falantes do português padrão e que a maioria delas (falantes do português padrão) não pode ser considerada falante das variedades marginalizadas sendo imitadas. São várias as estratégias discursivas usadas no momento de incorporação para deixar claro o posicionamento de quem produz o português de arremedo em determinada situação, ou seja, o fato de estarem intencionalmente adotando um aspecto do português não padrão. A sinalização dessa postura implicará alterações no modo como a prática é entendida. Neste ponto, destaco duas características importantes do português de arremedo: o uso é intencional por pessoas que não adotam essas variantes com frequência, no seu dia a dia. A estratégia utilizada funciona, portanto, como direcionamento, por parte da produtora do português de arremedo, sobre quais objetivos ela quer atingir, quando e de que maneira. As Figuras 1 a 3 ilustram algumas dessas estratégias.

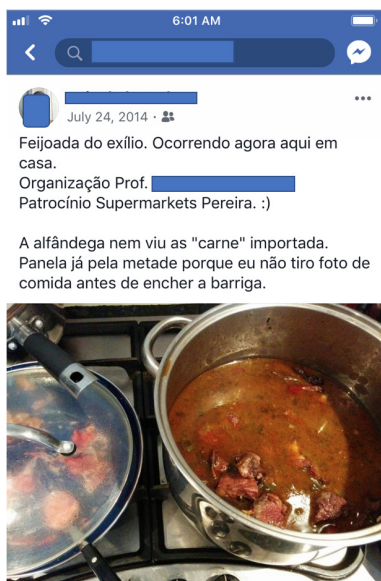


Figura 1. “as ‘carne’”
Fonte: Timeline do Facebook



Figura 2. “Nóis tomava”
Fonte: <https://insta-stalker.com/post/Brq41qFHZj/>
Acesso: 7 jan. 2019



Figura 3: “Seu crânio faiou”
Fonte: Timeline do Facebook

As Figuras 1 e 3 foram postagens de usuários no Timeline do Facebook. A Figura 2 é um Meme e viralizou no WhatsApp. Observem, na Figura 1, a ausência de concordância nominal no segundo elemento do sintagma nominal “as carne”; na Figura 2, a ditongação em “nóis”, a ausência de concordância verbal “nóis tomava/comia/era” e, na Figura 3, a iotização em “faiou”. Vários trabalhos registram essas variações no português brasileiro, no que tocam às concordâncias nominal e verbal (BORTONI-RICARDO, 1985; SCHERRE 1998; SCHERRE; NARO, 1993; SCHERRE; NARO, 2014), ditongação (ARAGÃO, 2000), iotização (ARAGÃO, 2009; CHAVES; MELO, 2009), e o falar caipira (AMARAL, 1976 [1920]). Nesses exemplos, é possível observar o uso de aspas para conferir destaque a palavra ou expressão empregada fora de seu contexto habitual e comunicá-la em uma dupla voz, usando a noção de polifonia de Bakhtin, sinalizando, também, o “ângulo dialógico” a partir do qual se fala (BAKHTIN, 1984 p. 74), e evitando assim a completa fusão das duas vozes: a voz do falante de português padrão e a voz do falante da variedade marginalizada. O exemplo da Figura 4 é mais sutil. No comentário “Seu crânio faiou kkkk”, a pessoa não usa aspas para marcar “faiou” (não padrão) usado no lugar da forma padrão “falhou.” O tom humorístico do comentário, no entanto, incluindo a gargalhada (“kkkkk”), é usado para enquadrar o uso de português de arremedo. Configura-se como um reforço à atitude cômica no uso do português “errado” como “estou só tirando um sarro”. O humor aqui torna-se uma “metamensagem” importante para a uso do português de arremedo

(BORTONI-RICARDO, 2004, p. 63). Cada uma dessas estratégias discursivas tem a capacidade de enfatizar acerca da relação que a pessoa estabelece com o português “errado”, mostrando que o falante não é suscetível a ir de encontro aos postulados gramaticais e cometer os possíveis “desvios” linguísticos. Além disso, essas estratégias reafirmam seu status como falante hábil, capaz de perceber quando e como empregar cada uma das variedades. Acima de tudo, tais marcações discursivas funcionam reforçadores ideológicos da ideia de que alguém fala o português melhor ou pior do que alguém, reforçando a ideia do preconceito linguístico.

5.2 Sobre o consumo de português de arremedo

A análise do português de arremedo para identificar o que existe por trás de seu uso é crucial para entender questões de poder e de desigualdade nas interações sociais, até as aparentemente mais insignificantes. Mas analisar a produção exclusivamente não é o suficiente para entender o fenômeno como um todo. Os falantes do português “padrão” não só produzem elementos do português marginalizado; eles também os consomem. O impacto social do fenômeno está normalmente ligado ao seu consumo. Esse tipo de comportamento (o consumo) é muito semelhante ao comportamento de uso. Como interlocutores, as pessoas são também responsáveis pelas práticas e seus efeitos sociais. Notem que o uso do termo “consumidores” diz respeito a todos os participantes na interação, direta ou indiretamente, inclusive a pessoa que produz a estrutura. Ainda sobre a piada no primeiro exemplo (com “varêia”), notem o uso do português de arremedo nos comentários no Yahoo Respostas.

Comentário: “Tenho um recado para esse chefe: ‘não a correge que piorêia!’
Obrigado, amiga!”

Comentário: “Boa esta, agora está na hora de ir trabalhar, já que a hora e a minha chefe não ‘varêia’ se eu chegar atrasada...rs”

É importante entender o uso do português de arremedo na comunicação entre as pessoas bem como o contexto no qual a comunicação acontece. A pessoa que postou a piada deu o seguinte título a sua postagem “Só para descontrair: Bom, aí varêia?” No espaço para comentários, muito comum na Internet, os atores sociais reagem às situações de interação dentro do ambiente social online, e dessa forma participam na construção da comunicação. Os comentários utilizam com profusão o humor linguístico do tipo português de arremedo: “correge”, “piorêia” e “varêia”. A variante “correge” (do infinitivo corrigir) é conhecida como sendo resultado de analogia a pedir/pede, ferver/ferve, ceder/cede, tecer/tece. “Piorêia” parece ter sido inventado baseado na existência da conhecida variante não padrão “varêia”. Interessante notar como esses consumidores do português de arremedo têm também um papel fundamental na reprodução do poder. Os recursos usados em cada comentário propiciam a construção e reprodução de um tipo de representação da relação hierárquica entres as variedades. Os detalhes

que compõem os comentários, além da clara valorização do uso de “varêia” na piada, indicam tentativas evidentes de fortalecer o comprometimento com a estratégia. A lógica é simples: é possível afirmar que quando as pessoas consomem o português de arremedo, elas colaboram com a sua permanência na sociedade, como se dissessem para as pessoas que o produzem: olha, estamos com você nessa empreitada. O consumo do português de arremedo gera impactos positivos para o usuário e, ao mesmo tempo, negativos para os falantes da variedade sendo arremedada. Quem consome o português de arremedo faz parte da engrenagem que move o preconceito linguístico; afinal, são eles que criam a demanda social para o seu uso, e assim direcionam algumas das escolhas e ações de quem produz o português de arremedo.

O que faz com que uma determinada brincadeira ou piada nos leve ao riso? No que reside a sua graça? Seria na técnica utilizada para formar a piada? Ou no pensamento transmitido por ela? Continuemos na análise do português de arremedo como uma prática linguística baseada no preconceito linguístico, o qual é, por sua vez, baseado em diversas formas de discriminação e exclusão social. Considerem o seguinte exemplo na Figura 4:

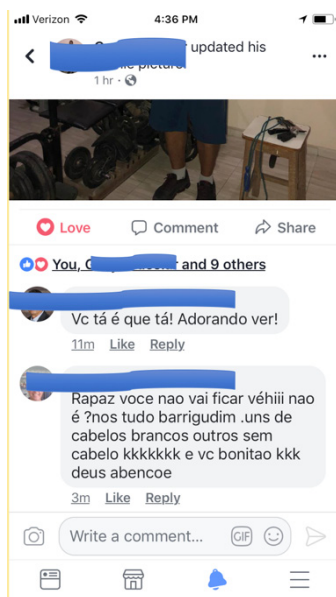


Figura 4: “Barrigudim”

Fonte: Timeline do Facebook, imagem do autor.

Nessa figura, um usuário na rede de Facebook posta uma foto de si mesmo praticando levantamento de peso depois de uma dieta que lhe ajudou a emagrecer muitos quilos. Algumas pessoas comentaram a postagem com elogios. Um deles disse, “Rapaz voce não vai ficar véhiii nao é? Nos tudo barrigudim, uns de cabelos brancos outros sem cabelo kkkkk e vc bonito kkk deus abençoe”. Há nesse

comentário vários exemplos de português de arremedo: e.g., “véhiii” e “nos tudo barrigudim.” No caso específico de “nos tudo barrigudim”, o uso de “barrigudim” (barrigudinho no português padrão) – com a redução de inho, sufixo, [ĩ] (AMARAL, 1976[1920]), além da falta de concordância nominal, associados ao falar do interior do Brasil – replica elementos linguísticos famosos ancorados na (que indexam a) imagem do povo que fala tal dialeto como gente da “roça”. Neste e em outros exemplos, a presença de algum tipo de violação do português padrão é comumente vista como “benigna” ou “inofensiva”, conseqüentemente engraçada. Uma análise inicial do português de arremedo indica que tal prática é carregada de ideologia linguística opressora e serve para manifestar o preconceito linguístico; no entanto, é preciso notar que o tom de brincadeira protege seu usuário de ser acusado de preconceituoso. A literatura mostra como o preconceito pode se manifestar disfarçado de humor e diversão, e assim distanciar o autor do humor do seu sentido depreciativo (e.g. CHUN, 2009; HILL, 1995, 2008). Tanto a sociolinguística quanto a antropologia linguística têm, todavia, mostrado consistentemente como as práticas linguísticas, nas quais incluo o português de arremedo, são performativas no sentido de que elas têm a capacidade de não só refletir estruturas sociais (gênero, raça, classe etc.) mas também reproduzi-las. E é aqui que o conceito de indexicalidade possibilita trazer à luz a maneira como o português de arremedo integra processos socioculturais complexos.

5.3 Sobre a indexicalidade mobilizada no português de arremedo

A língua tem um papel fundamental na construção de outros aspectos socioculturais. O seguinte Meme (Figura 5), espalhada pela Internet, mostra claramente como os mineiros sofrem preconceito e que tal preconceito é linguístico e social: por um lado, são vistos como um povo que fala errado e por outro um povo que não sabe se comportar no meio urbano.

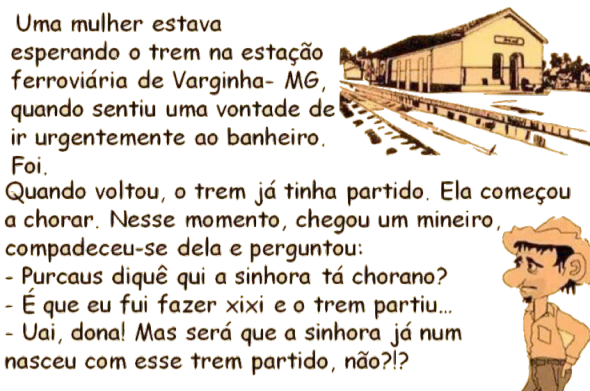


Figura 5: “Purcaus diquê...?”

Fonte: <https://www.pinterest.com/mariaapfonseca/> Acesso: 7 jan. 2019

Esse Meme foi encontrado em uma página pública do site Pinterest com ajuda do sistema de busca do Google. No Pinterest as pessoas colocam (“pin”) fotos em coleções chamadas placas, que servem como grandes catálogos de objetos. Atualmente Pinterest tem 30 bilhões de pinos, metade deles nos últimos seis meses. Um total de 75% de seu tráfego vem de dispositivos móveis e, segundo os pesquisadores, eles são a principal fonte de tráfego para sites de varejistas e uma fonte secundária importante depois do Facebook. A pessoa que colocou esse Meme descreve sua coleção de “pins” como sendo de humor ou coisas engraçadas. Notem a relação entre língua e identidade social neste fragmento do exemplo:

- Purcaus diquê qui a sinhora tá chorano?
- É que eu fui fazer xixi e o trem partiu...
- Uai, dona. Mas será que a senhora já num nasceu com esse trem partido, não?!?

Nessa postagem, os exemplos mais salientes do uso de variantes não padrão para mobilizar a indexicalidade – em termos regionais, sociais e de capacidade intelectual – são interjeição “uai” e elisão em “purcaus diquê” para representar “por causa de quê”. Os fatos não-linguísticos aqui representados fazem parte de um sistema de estruturas sociais mais amplos (classe, gênero, raça etc.) que decorrem da interação e posição (status social) entre seus membros (Cf. OUSHIRO, 2018). Cada uso do português de arremedo ao nível do “microcosmo” da interação reflete, constrói e cristaliza o conjunto de todos esses fatos não-linguísticos que fazem parte do “macrocosmo” do coletivo social (SILVERSTEIN, 2009, p. 273). Percebe-se na expressão «trem partido», em referência ao órgão genital feminino, a relação entre português de arremedo com questões de gênero. Como devemos então ler a informação social que as pessoas emitem quando produzem o português de arremedo?

Outro exemplo ilustrativo é a personagem Chico Bento de Maurício de Souza, que personifica algumas imagens possíveis por ela suscitadas. Além dos aspectos físicos (descalço, calça de xadrez), Chico Bento é caracterizado como um aluno longe de ser exemplar pois frequentemente ignora ou esquece das coisas e comete ditos erros de português. E como mostram Souza e Santos (2018), as representações dos elementos de uma variedade não padrão nas falas do personagem contribuem para a representação hegemônica da desigualdade social linguística e educacional. Sendo assim, as palavras e expressões do português de arremedo – no caso de Chico Bento, um dos mais salientes é o acréscimo do fonema /a/ no início de um vocábulo, i.e. prótese, em “alembro” – fornecem ao interlocutor “as pistas” para que ele interprete o que foi dito. Esta interpretação dá-se com base em uma falsa hierarquia linguística, como já mostraram as pesquisas (SCHERRE 2008). Cada uso do português de arremedo pode configurar também uma tentativa indireta de construir imagens que mostrem seu usuário como diferente, em termos sociais, dos seus “contrários”; pois, ao incorporar a voz de seu contrário, a pessoa demonstra um certo desejo de se opor a ela. Como visto anteriormente, as metamensagens tornam isso claro.

5.4 Sobre a defesa do português padrão

Para entender melhor essa relação entre os falantes do português padrão e as variedades marginalizadas do português, é importante considerar a defesa incessante do português padrão entre brasileiros, o que é também comum mesmo entre as pessoas que usam o português de arremedo. Como pode ser visto nas imagens em seguida, os enunciados reforçam a ideologia linguística dominante e mostram como os produtores e consumidores do português marginalizado (os falantes do português de arremedo) participam de uma campanha contra a “corrupção” do português padrão.

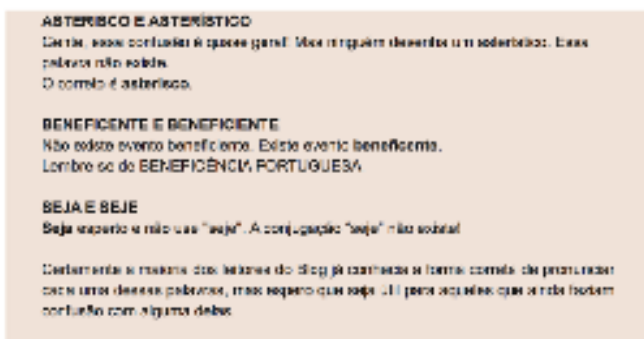


Figura 6: “Seja e Seje”

Fonte: <http://priscilapcamara.blogspot.com/2011/03/garcon-um-iorgute-e-um-pao-com.html>

Acesso: 7 jan. 2019



Figura 7: “Conserteza”

Fonte: <https://plus.google.com/104017293962246310874/posts/FGnLswPIuJY>

Acesso: 7 jan. 2019



Figura 8: “Nós trusse”

Fonte: <https://me.me/i/Idiotice-mesmo-idioticemesmo-eu-trusse-nos-vai-a-gente-vamos-14536081>

Acesso 7 jan. 2019

Esses exemplos ilustram o que Oliveira, T. (2015) descreve como críticas explícitas dirigidas aos “erros de português,” que são amplamente difundidas na Web. No texto da figura 6, a referência à “seje” (tendência a regularização por analogia a flexão regular) em vez de “seja” estabelece o uso da variedade padrão como demonstração de capacidade cognitiva: “‘seja esperto e não use ‘seje’”. Em imagens como a da Figura 7 alude-se, com uma arma, ao uso da força para defender o português contra chamados “erros” desse tipo. Imagens como a da Figura 8, muito difundidas online, trazem exemplos de variantes vistas como erros de português gritantes que ferem o ouvido a ponto de fazê-lo sangrar: “trusse” em vez de “trouxe” (regularização por analogia), “fazem em vez de “faz” em “fazem 3 dias” (analogia a pluralização), “vai” em vez de “vamos” em “nós vai” (analogia a “a gente vai”) e “agente” em vez de “a gente” (representação ortográfica que diverge da oficial) e “fomos” em vez de “foi” em “agente fomos” (analogia a “nós fomos”).⁸ Essas críticas ilustram o problema observado por Irvine e Gal (2000, p. 35) quando elas afirmam que “a language is a dialect that has an army and a navy” (a língua é um dialeto com Exército e Marinha). Estes exemplos fazem uma defesa extraordinária da variação padrão do português, considerando o português não padrão errado, tosco e engraçado. Ao fazerem isso “as pessoas [falantes do português não padrão] é que são estigmatizadas, desvalorizadas e aviltadas em sua própria identidade individual e social sob a alegação de que ‘falam tudo errado’ ou ‘não sabem português’”. (BAGNO, 2001, p. 38). Questões de violência linguística revelam outros vetores de exclusão, distorções e desigualdades históricas arraigadas na sociedade brasileira, como é o caso da expressão “trem partido” indicada anteriormente. Como explicar o fato de não haver avaliação social negativa no caso da expressão variável do imperativo (fale/diga/vá vs. fala/diz/vai) em contexto do pronome “você”, como mostra Scherre (2013, p. 55; ver também SCHERRE, 2008)? A explicação está no fato de o preconceito linguístico não ter a ver diretamente com as noções de certo e errado das gramáticas normativas; ou seja, o poder não é inerente à concordância de número ou imperativo gramatical. O status dessas formas linguísticas, bem como de todas as outras, reflete apenas e tão somente o poder de seus falantes.

Como explicar então a popularidade do português de arremedo quando há tanto empenho em defender a norma culta? O uso de palavras e expressões das variedades marginalizadas do português pelos falantes do português padrão passam a ser um recurso importante para reprodução implícita da discriminação e exclusão. É sabido que na sociedade brasileira, falar (e escrever) bem o português padrão é condição importante para a ascensão social através do mercado de trabalho. Em entrevistas para emprego, tema da piada sobre “varêia”, “erros de português” são malvistas. Acontece que em situações como essas, o usuário do português de arremedo, que é falante da variedade padrão, pode quase sempre satisfazer as expectativas em termos do comando do português “correto”, tanto na oralidade quanto na escrita. A situação é bem diferente para grande parte das pessoas que não

⁸ Cf. <https://me.me/i/Idiotice-mesmo-idioticemesmo-eu-trusse-nos-vai-a-gente-vamos-14536081>
Acesso: 7 jan. 2019

teve acesso à educação formal e não adquiriu o português padrão. Elas raramente conseguem demonstrar, em situações semelhantes, o mesmo domínio do dialeto padrão, e assim são julgadas despreparadas para atender exigências linguísticas. Estamos, portanto, diante de uma desigualdade comunicativa para os falantes das variedades marginalizadas.

6. CONCLUSÃO

A discussão sobre o papel da língua nas relações de poder na sociedade brasileira pode ficar mais profunda ainda se consideramos o que está em jogo no uso do português de arremedo. Como mostra a pesquisa que motivou este artigo, o uso do português marginalizado durante a produção do português de arremedo carrega o agravante da apropriação linguística, discutido por Jane Hill no caso do *Mock Spanish*. Como visto anteriormente, na sua incorporação, o português de arremedo pode até passar uma falsa mensagem de ser inócuo. O arremedo da variedade não padrão exprime uma qualidade apreciável para os falantes do português padrão, que, ao usar o português de arremedo, são vistos como pessoas de posição social superior, capazes de alternar entre o português padrão e não padrão. Por outro lado, a prática rebaixa, desqualifica e inferioriza as variedades arremedadas, reforçando padrões indexicais de discriminação contra seus falantes.

A popularidade do português de arremedo pode ser explicada pelo fato de que a fraqueza do outro – isto é, sua dificuldade com português padrão – se torna a força para aqueles que dominam suas convenções, cuja utilização é comumente vista como um instrumento de poder. Baseado em noções de correção e incorreção gramatical e através de um tom humorístico, reforça-se a desigualdade linguística e reproduzem-se estereótipos linguísticos e sociais. Ao apoderar-se momentaneamente da variedade não padrão em tom jocoso, a pessoa professa superioridade sobre outras variedades linguísticas, atravessando as fronteiras sociolinguísticas que agrupam os falantes que compartilham o mesmo repertório linguístico. A ideologia contida no português de arremedo se desdobra em idolatria pelo conhecimento da gramática normativa e por aqueles que conhecem as convenções dominantes do uso da língua. No sentido mais amplo, a negação da variação da linguagem, que pode vir com o preconceito linguístico e comportamentos como o português de arremedo, tem estreita relação com outras formas de exclusão. “No fundo, o preconceito linguístico é um preconceito social.” (POSSENTI, 2011). Como explica Oushiro (2018), as pessoas tendem a agrupar, na maneira de perceber o outro, categorias pessoais e sociais (língua, gênero, raça, origem). Daí a necessidade de entender melhor a imbricação de índices na prática do português de arremedo. Futuras pesquisas sobre sua dinâmica e complexidade poderão abrir caminho para avanços conceituais.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, A. *O dialeto Caipira*. 3. ed. São Paulo. HUMITEC/Secretaria da Cultura, Ciência, e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976[1920].
- ANDRADE, C. O.; MELO, F. G. de; SCHERRE, M. M P. História e variação linguística: um estudo em tempo real do imperativo gramatical em revistas em quadrinhos da Turma da Mônica. *Finos Leitores: Jornal de Letras, Brasília*, v.3, n.1, 2007.
- ARAGÃO, M. do S. S. de. Ditongação e monotongação no falar de Fortaleza. *Revista Graphos, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade da Paraíba, João Pessoa*, v. 5, n. 1 p. 109-122, 2000.
- ARAGÃO, M. do S. S. de. Os estudos fonético-fonológicos nos estados da Paraíba e do Ceará. *Revista da Abralin, Revista da Associação Brasileira de Linguística, Pará*, v. 8, n. 1, p. 163-184, 2009.
- BAGNO, M. Português do Brasil: herança colonial e diglossia. *Revista da FAEEDBA*, v. 15, n. Jan-Jun, p. 37-48, 2001.
- BAGNO, M. Cassandra, Fênix e outros mitos. In: FARACO, C. A. (Ed.). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2002. p. 49-83.
- BAKHTIN, M. M. *Problems of Dostoevsky's poetics*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1984.
- BORTONI, S. Marcos Bagno fala sobre preconceito linguístico. Disponível em: <<http://www.stellabortoni.com.br/index.php/entrevistas/1414-maaios-bagoo-fala-sobai-paiiooiito-lioguistiio-78894042>>. Acesso em: 02 out. 2018.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *The urbanization of rural dialect speakers: a sociolinguistic study in Brazil*. New York: Cambridge University Press, 1985.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BOURDIEU, P. *Language and symbolic power*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1991.
- CAVALCANTI, M. C. Estudos sobre educação bilíngue e escolarização em contextos de minorias linguísticas no Brasil. *D.E.L.T.A.*, v. 15, n. Especial, p. 385-417, 1999.
- CHAVES, L. M. do N.; MELO, F. E. S. de. A despalatização de /l/ na fala da zona urbana de Rio Branco (AC). In: Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 13, 2009, Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos do XIII CNLF*. Rio de Janeiro: CiFEFiL, p. 84-98, 2009.
- CHUN, E. W. *Ideologies of legitimate mockery: Margaret Cho's Revoicings of Mock Asian*. Oxford University Press, 2009.
- HILL, J. H. *Mock Spanish: a site for the indexical reproduction of racism in American English*. *Language & Culture*. Binghamton University. Symposium #2 1995. Disponível em: <<http://language-culture.binghamton.edu/symposia/2/part1/>> Acesso em: 05 jan. 2019.

- HILL, J. H. *The everyday language of white racism*. Chichester, U.K.; Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2008.
- IRVINE, J. T.; GAL, S. Language ideology and linguistic differentiation. In: KROSKRITY, P. V. (Ed.). *Regimes of language: ideologies, politics, and identities*. Santa Fe, NM: School of American Research Press, 2000. p. 35-83.
- MASSINI-CAGLIARI, G. *Language policy in Brazil: monolingualism and linguistic prejudice*. *Language Policy*, v. 3, n. 1, p. 3-23, 2004.
- OCHS, E. *Indexing gender*. New York: Cambridge University Press, 1992.
- OLIVEIRA, G. M. D. Brasileiro fala português: monolingüismo e preconceito lingüístico. In: SILVA, F. L. D.; MOURA, H. M. D. M. (Ed.). *O direito à fala: a questão do preconceito lingüístico*. Revised edition. Florianópolis: Insular, 2002. p. 83-92.
- OLIVEIRA, T. B. Preconceito lingüístico e humor em páginas do Facebook. *Revista EDUC-Faculdade de Duque de Caxias*, v. 2, n. 2, p. 81-101, 2015.
- OUSHIRO, L. Can we tell people's social class just by listening to them? *Roseta: Brazilian Linguistics Association (ABRALIN)*, v. 1, n. 1, 2018. Disponível em: <<http://www.roseta.org.br/2018/05/13/can-we-tell-peoples-social-class-just-by-listening-to-them/>> Acessado em: 30 dez. 2018.
- SCHERRE, M. M. P. Variação da concordância nominal no português do Brasil: influência das variáveis posição, classe gramatical e marcas precedentes. In S. Große & K. Zimmermann (Eds.), *"Substandard" e mudança no português do Brasil*. Frankfurt am Main: Teo Ferrer de Mesquita, 1998, p. 153-188.
- SCHERRE, M. M. P. Aspectos sincrônicos e diacrônicos do imperativo gramatical no português brasileiro. *Alfa* 51, n. 1, p. 189-222, 2007.
- SCHERRE, M. M. P. *Doa-se lindos filhos de poodle: variação lingüística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola, 2008.
- SCHERRE, M. M. P. Verdadeiro respeito pela fala do outro: realidade possível? *Revista Letra*, v. 8, n. 1 & 2, p. 51-62, 2013.
- SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Duas dimensões do paralelismo formal na concordância verbal no português popular do Brasil. *DELTA Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada* v. 9, n. 1, p. 1-14, 1993.
- SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Sociolinguistic correlates of negative evaluation: variable concord in Rio de Janeiro. *Language Variation and Change*, v. 26, p. 331-357. 2014.
- SILVERSTEIN, M. Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life. *Language & Communication*, v. 23, p. 193-229, 2003.
- SILVERSTEIN, M. Private rituals encounters, public ritual indexes. In: SENFT, G.; BASSO, E. (Eds.). *Ritual communication*. Oxford; New York: Berg Publishers, 2009. p. 271-292.
- POSSENTI, S. Preconceito lingüístico. 2011. Disponível em: <<http://cienciahoje.org.br/coluna/preconceito-linguistico/>>. Acesso em: 30 dez. 2018.

SOUZA, P. D. D. S.; SANTOS, A. K. B. Ubanização e monitoração estilística: a variação linguística e as representações da fala caipira nas histórias em quadrinhos. *Fórum Lingüístico*, v. 15, n. 1, p. 2843-2859, 2018.

Recebido: 5/10/2018
Aceito: 11/02/2019
Publicado: 13/02/2019